

Figuras Médicas na Literatura Portuguesa[§]

Doctors in Portuguese Literature

A. de Oliveira Soares*

Num mundo que é cada vez mais materialista, povoado de actividades que são crescentemente tecnológicas, a Medicina continua a ter um vincado cariz intelectual e mantém-se nimbada de uma clara aura romântica. É a razão fundamental do forte carisma do médico que sobrevive aos ataques de governantes e gestores economicistas, mantendo grande influência na população geral e, em particular, nas obras dos escritores.

A literatura retrata médicos e histórias relacionadas com a prática clínica desde tempos remotos mas é no século XIX que se inicia uma grande popularidade das figuras de médicos em contos e romances.

Portugal é um pequeno país de ingrata situação geográfica que contribuiu para muitas facetas da sua conhecida pobreza mas tem uma literatura rica. A presença de médicos na constelação de personagens da literatura portuguesa é, conseqüentemente, comum.

Tem algumas particularidades a figura do médico na nossa literatura e vale a pena comparar.

Assim, na ficção literária estrangeira, o médico aparece muitas vezes como personagem principal, enquadra-se num determinado mito e o contorno da sua figura resulta, por força desse mito, bastante estereotipado.

Entre nós, as coisas são um tanto diferentes. É natural porque a nossa pátria tem uma individualidade muito forte e isso reflecte-se na literatura. Tem havido muitas tentativas eruditas de comparar escritores portugueses e estrangeiros : Eça de Queiroz – Émile Zola; Almeida Garrett – Walter Scott; Júlio Dinis – Charles Dickens. Eu acho que as semelhanças são

remotas, os nossos prosadores são bem portugueses, creio que os reconheceria como tal ainda que os lesse em traduções estrangeiras.

O médico da ficção literária portuguesa desempenha um papel de 2.^a ou 3.^a linha, excepto se o romanista for também médico. Depois, a personagem do clínico foge bastante ao “mito” presente nas literaturas estrangeiras e que especificarei. Finalmente, o nosso médico apresenta-se, no romance ou no conto, sob variadas “cores” e diversos perfis, não necessariamente como brilhante clínico.

Importa, neste ponto, esclarecer o que entendo como o mito da figura literária de médico; fundamentalmente,

- O herói-médico é um rapaz pobre mas muitíssimo inteligente e cheio de ideias altruístas
- O curso de medicina custa-lhe pesados sacrifícios, divide-se entre o estudo e empregos penosos, passa fome e frio, etc.
- Inicia a carreira profissional trabalhando num hospital para indigentes e num modesto consultório que abre num bairro pobre.
- Cedo se vê confrontado com duas mulheres : uma delas, pobre como ele, é uma alma humanitária, um coração de ouro; a outra, riquíssima, pretende desviá-lo da senda do austero exercício hipocrático para uma vida devotada aos prazeres.
- O herói cede ao apelo da mulher rica e hedonista, mas acabará por se arrepender, volta para a pobre, ou fica só mas honrando a memória dela, pois é frequente o “anjo” feminino do romance ter, entretanto, morrido.

Este cânone literário atingiu grande popularidade e foi, em essência, repetido por numerosos, variados escritores, em livros de agrado público difuso :

- “Olhai os lírios do campo” – Erico Veríssimo;
- “A Cidadela” – A. J. Cronin;
- “Consciência de Médico” – Morton Thompson;
- “Corpos e Almas” – Maxence Van der Mersch;
- “Servidão Humana” – W. Somerset Maugham;
- “Viagem ao fim da noite” – Louis Ferdinand Céline;

*Internista. Chefe de Serviço, aposentado, do Hospital de Santa Maria, Lisboa

§Reformulação da conferência de encerramento do VII Congresso Português de Medicina Interna, Maio de 2001

Recebido para publicação a 16.01.08

Aceite para publicação a 08.05.08

- “O Bisturi” – Horace Mc Coy.

Existem pequenas variações do enredo esquematizado. Por exemplo, em “Viagem ao fim da noite” o protagonista só se orienta para a profissão médica numa fase relativamente tardia da vida; em “Servidão Humana” a força que corrompe o bondoso doutor não é o dinheiro duma milionária frívola mas o sexo, na figura duma sedutora criada de café.

Ainda assim, a essência do mito literário é a mesma: dificuldades económicas, triunfo académico a poder de sofrimentos, exercício abnegado, encontro com a tentação, arrependimento e regresso aos belos ideais...

Toda a gente sabe que a vida real tem pouco a ver com isto. Porém, quem é que ao adquirir um romance pretende comprar um pedaço de realidade?!

“Dê-me um romance bonito que fale de amor e de gente jovem” – pede ao livreiro a solteirona cancerosa que é o centro do belo conto “Serenidade” da médica Graça Pina de Morais, da geração nascida na década de 1920.

É o desejo mais comum das pessoas que gostam de ler romances e, em particular, das que apreciam romances focados em personagens de médicos.

Raramente a literatura aborda a dualidade do bem e do mal na alma médica. Fê-lo um escritor de génio, Robert Loris Stevenson, através da espantosa metáfora do Dr. Jekyll e de Mr. Hyde em “O Médico e o Monstro”.

Em geral, no romance estrangeiro...

- A Medicina é uma luta para pobres com talento.
- O mundo é uma tentação que será vencida pela consciência
- O médico é um herói da Humanidade
Cai-se no mesmo mito!

“Como é diferente o amor em Portugal!” – espantava-se uma personagem de Júlio Dantas (outro escritor médico) na sua obra mais célebre. E eu parafraseio : Como é diferente a figura do médico na literatura do nosso país!

A riquíssima literatura portuguesa estrutura-se e ganha carácter no século XVI, em paralelismo com outras, a castelhana, a francesa e a alemã, posto que a italiana e a britânica são mais antigas. As influências entre as várias correntes literárias europeias são perceptíveis mas as originalidades nacionais não são ofuscadas.

O surto de interesse pela figura do médico que percorre os séc. XIX e XX é relativamente modesto

nos prosadores portugueses. É verdade que há médicos no romance português e até são muitos, mas quase sempre confinados a papéis de apoio, bastante secundários para o desenrolar da intriga.

De facto, os nossos melhores romancistas raramente escolheram um médico para figura destacada duma obra de fôlego. A quase excepção é Eça de Queiroz, escritor que estimava os médicos.

“Esta é uma terra de marasmo. Tirando os dois médicos não há ninguém com quem se possa ter uma conversa interessante!” (carta ao pai, enviada de Havana).

Na maior parte dos romances de Eça intervêm médicos, geralmente simpáticos, competentes, de diagnóstico arguto e que usam bem os escassos recursos da época. São assim os clínicos que tratam a Luísa de “O Primo Basílio” e a Amélia de “O Crime do Padre Amaro” apesar dos desfechos fatais da encefalite (?) da primeira e das complicações do puerpério da segunda. A classe política e o clero são retratados de forma muito diferente, arrasadora, cáustica, devastante. Isso explica o espanto do comandante do cruzador francês que, em 1900, veio expressamente a Lisboa para trazer o corpo do escritor, ao verificar que só sete pessoas aguardavam no cais a saída do féretro. Eça tinha sido impiedoso para com a mesquinhez dos detentores do poder, não lhes concedeu uma partícula de simpatia, ao longo da sua obra magnífica. Eles pagaram-lhe da forma que seria de esperar, isto é, mesquinamente, mesmo na circunstância da morte do grande homem de letras.

Uma muito interessante personagem médica da obra de Eça de Queiroz é o Dr. Julião Zuzarte.

Trata-se dum homem cuja vida é marcada por ter sido preterido no concurso para uma vaga de Professor. Amargo e revoltado, o Dr. Zuzarte é, contudo, um clínico hábil e sabedor.

Ao longo da deliciosa intriga do romance “O Primo Basílio”, ele trata Juliana, a criada chantagista e assiste Luísa, a vítima, na sua doença mortal.

Juliana, trinta e tal anos secos e azedíssimos, tem crises de angina de peito e breves episódios sincopais, acabando por falecer subitamente, sob uma violenta emoção, o terror de ser presa por ter sido denunciada à Polícia a sua chantagem.

O quadro clínico de Juliana, muito bem descrito e estrategicamente entremeado com as perfídias da criada, sugere um aperto aórtico ou uma miocardiopatia obstrutiva. Seguramente que o escritor se aconselhou

com um dos seus amigos médicos, até pela correcção de especulações fisiopatológicas que pôs na boca do Dr. Zuzarte, em especial a referência a baixo débito cardíaco: “a efusão do sangue ao cérebro é muito pequena”. Surpreende um pouco que a personagem médica faça o diagnóstico de ruptura de aneurisma da aorta quando ocorre a morte da pérfida serviçal mas há a ter em conta que Eça escreveu “O Primo Basílio” em 1876, a medicina estava ainda a dar os primeiros passos da sua modernidade.

A doença da patroa de Juliana, a jovem e bela Luísa, é mais misteriosa. Trata-se duma febre alta, acompanhada de cefaleias violentas e períodos de agitação. O Dr. Zuzarte diagnostica “febre cerebral” e é plausível que um quadro como descrito pudesse corresponder a uma meningo-encefalite ou a uma febre tifóide. Os esforços do médico para evitar a morte da enferma resultam inúteis. O tratamento revulsivo, cáusticos na nuca e ventosas não faz nada, fica o belo retrato da brava luta dum médico dedicado contra a morte, para lá do resultado nulo.

Fica-se na dúvida de ter ou não ter o Dr. Julião Zuzarte uma forte convicção do diagnóstico deste caso. Paire nas páginas do romance a alternativa romântica de ter sido Luísa vitimada pelo desgosto e vergonha da revelação da sua infidelidade conjugal.

Há um outro romance de Eça de Queiroz em que o principal protagonista é um médico. Trata-se do Carlos de “Os Maias”.

Verdade seja que, para a trama romanesca desta obra magnífica, pouco importaria se Carlos da Maia não fosse médico. Mas Eça concebeu-o como tal, licenciado pela universidade que o escritor odiava, Coimbra e desembarcado em Lisboa com muitos e elevados projectos: a clínica, a investigação, a criação duma sociedade e duma revista científicas, a redacção dum tratado... Quase tudo isso fica por concretizar, o bem estar material do jovem e a sua tendência para o tédio não o estimulam para o trabalho. Contudo, ele faz alguma clínica e é através duma consulta e do envolvimento profissional num árduo esforço para salvar a paciente, a empregada inglesa de Maria Eduarda, que vem a proporcionar-se o encontro com esta. Explode a paixão, Carlos ignora, de início que Maria Eduarda é a irmã de quem foi separado em criança, ocorre o incesto e tudo isto seria banal mas dá-se o caso de, uma vez reconhecida a situação, o herói insistir na ligação incestuosa e daí o grande escândalo com que a burguesia lisboeta acolheu o

romance. A qualidade da obra apagou depressa a má impressão causada de início pelo episódio picaresco e o livro chegou a ser de leitura obrigatória no ensino secundário, embora quase todos os alunos acabassem por optar por um resumo que alguém, sabedor do pouco apetite dos portugueses pela leitura, lançou no mercado com grande êxito comercial.

Bastante mais recente, o escritor Fernando Namora, ele próprio médico, centra duas obras importantes em protagonistas que são clínicos: “Domingo à Tarde” e “Retalhos da Vida dum Médico”. Porém, muito à maneira do neo-realismo literário em que se filiam, estes romances não têm como protagonista real o médico. Em “Domingo à Tarde” o centro da acção é a doente leucémica e o médico que por ela se apaixona é confinado ao papel dum narrador envolvido mas passivo. Em “Retalhos da Vida dum Médico” os heróis são os doentes, bravos retratos de populares e o clínico limita-se a observar e contar episódios a que assistiu.

Bem mais protagonistas do enredo novelesco são as figuras de médicos criadas por Júlio Dinis, cem anos antes dos “Retalhos” de Namora, no romance campesino “As pupilas do Senhor Reitor”. Aí, sim, a medicina impregna muitas das mais inspiradas páginas da obra.

Especialmente significativo, o choque entre o médico idoso, viciado em velhos erros, desconfiado de mudanças e novidades e o jovem clínico, descrente da sabedoria da idade e entusiasta dos progressos científicos.

“Os velhos só dão bons conselhos porque já não podem dar maus exemplos”

– Adriano Moreira

Vejamos uma passagem do encontro do idoso João Semana com o recém-licenciado Daniel das Dornas:

“A conversa de João Semana com Daniel... versou sobre medicina. As exaltadas crenças teóricas de Daniel e a casuística inflexível e fria do velho prático acharam-se em conflito.

João Semana era céptico em relação à ciência moderna. Quando Daniel lhe citava um autor em voga, ou se referia a uma descoberta notável, ou a um medicamento novo, João Semana encolhia os ombros, sorrindo.

Tudo isso é muito bonito – dizia ele – mas não me

serve para nada...

... tornava-se, pois impossível a reconciliação. Era o antagonismo permanente entre a teoria e a prática, revelado em uma das suas multiplicadíssimas manifestações”.

Daniel não leva a melhor no conflito de gerações médicas...

Mas Daniel das Dornas é um universitário com alto sentido de classe.

“Mais arrojado que o empirismo de João Semana era, sem dúvida, o sistema médico do barbeiro...”

Daniel tratou senhorilmente este colega de contrabando...perguntando-lhe secamente :

– Teve hoje muito que fazer, mestre ?

– Está feito. Apenas fiz três visitas.

– E quantas barbas ?”

Só um grande médico, como foi Júlio Dinis, retrataria em tão breves palavras esta manifestação de distanciamento profissional em face do charlatão.

Aliás, o autor das “Pupilas” não deixa de fazer referência à ética hipocrática:

“João Semana era intolerante em coisas de moral, e principalmente médica... Se o réu era um colega, crescia então de ponto a sua austeridade. Por isso, o procedimento de Daniel encontrou nele um severíssimo juiz”.

Daniel das Dornas violara o principio ancestral – “Viverei a minha vida com simplicidade e pureza” – ao namorar a noiva do irmão.

Silva Gaio, escritor contemporâneo de Júlio Dinis e como ele prematuramente ceifado pela tuberculose, deixou-nos um curioso romance que foi muito popular e está hoje quase esquecido : “Mário”.

Trata-se duma obra irregular, desarticulada e estilisticamente pobre. Contudo, compreende-se que tenha tido assinalável sucesso porque é quase um livro de aventuras e atinge excelência nas páginas em que narra os horrores da guerra e a desumanidade do colonialismo.

São muitas as figuras de médicos que povoam o romance “Mário”.

Paulo, o médico militar ao serviço dos franceses, narra proezas que respeitam mais a episódios bélicos que a historias de medicina.

“No ano de 1809...deu-se a batalha...e poucas horas depois...eram vencidas as tropas de Napoleão.

Na ambulância trabalhava-se com presteza e eu estava coberto de sangue...”

...fui informar-me de d’Aurilly...

- Bravos do 84! O general d’Aurilly está ferido no campo...Sigam-me!...encontrámos um esquadrão austríaco que nos carregou. Apanhei uma espingarda e todos lhe sustentávamos o ímpeto...

Caminhando sempre vi um montão de cadáveres de cavalos e homens.

– É aqui... - disse eu...

Sentia ao redor de mim os silvos de muitas balas...Afastei os corpos que não me deixavam ver até ao fundo e achei, enfim, o meu amigo; puxei-o para fora...A troco de bastantes soldados que lá ficaram... trouxe d’Aurilly para a primeira ambulância...e achei-o vivo”.

Este médico combatente, que tanto trata das feridas como empunha uma arma contra o inimigo austríaco, contrasta com uma figura de clínico do hospital de Luanda. Esse não é nomeado pelo escritor mas é uma personagem com carisma. Trata-se dum homem ríspido e severo mas muito humano. A descrição de como a grande amizade do escravo negro, Tadeu, por Mário, seu ex-companheiro de presidio, toca o coração do clínico é cativante.

“Um instante depois entrou um médico e repreendeu asperamente os empregados...Chegou-se ao negro e disse-lhe, com voz de autoridade:

– Vai-te embora ! Não podes estar aqui.

– Senhor – rogou Tadeu – deixe-me ficar ao pé do Sr. Mário...

– Vai-te ! Se teimas faço-te sair à força, e quem sofre com a bulha é o teu doente...

Um dia, vinha a sair o médico que o mandara embora e Tadeu pôs-se de joelhos diante dele.

– Meu senhor, como está o Sr. Mário ?

Era tal a ansiedade com que interrogava que o médico, informado já de que o negro não deixava a porta do hospital, olhou para ele com bondade :

– Está mal, rapaz...podes ir agora vê-lo...”

Noutro passo do romance, encontramos-nos no cerco do Porto, em 1833.

“Tinha caído a noite. Já não havia no hospital de sangue senão meia dúzia de feridos cuja morte estava iminente...

Mário entrou e sentiu um calafrio de horror...à fraca luz das candeias...viu largas manchas de sangue e instrumentos cirúrgicos...

Os empregados, caminhando devagar...davam à cena uma tristeza sepulcral. De quando em quando, cortava-se aquele silêncio com um gemido...um grito de soldado...ou o lúgubre estertor dos agonizantes.

– A morte no campo não horroriza; aqui, sim! – pensou Mário.”

No mesmo romance deparamos com um curioso retrato de médico incapaz.

Teresa, a apaixonada de Mário, está doente, com uma febre alta e persistente. O clínico da aldeia não compreende a doença e nada faz, limitando-se, em todas as visitas, a murmurar :

“Lá febre tem ela...”

A cura vem, espontânea, semanas depois, quando o médico hesitava entre sangrar a jovem ou dar-lhe os pós de Dowe...

Silva Gaio chacoteia e censura a tibieza do clínico ignorante, comentando :

“Felizmente que não a sangrou!”

A variabilidade da atitude humana face à doença é tema de inspiradas páginas.

“O médico olhou com surpresa para a solteirona pesada...É sempre com surpresa que o médico fixa um ser que está vivo mas dentro de um prazo mais ou menos curto há-de morrer...”

– Quantos anos tem ? – perguntou ele.

– Cinquenta e cinco.

– Ainda é nova!

– Nova! Novas são as pessoas de dezoito e vinte anos...

– A senhora está gravemente doente – disse numa voz ponderada e distante...-É quase inacreditável que esse tumor que tem no seio se desenvolvesse até ao ponto em que está, sem que a senhora se desse conta. Penso que já não é operável.

– É dos ruins ? – interrogou ela quase cândida.

O médico baixou a cabeça em sinal de assentimento.”

Transparece delicadeza do discurso desta personagem do já atrás citado conto “Serenidade”, magnífica pérola da inspirada médica-escritora GraçaPina de Morais.

Diametralmente oposta, a atitude do psiquiatra que protagoniza “Memória de Elefante” de António Lobo Antunes.

Ele impacienta-se enquanto o pobre neurótico discorre sobre as suas angústias, distrai-se, finge tomar notas e vai fazendo dezenas de margaridas no bloco, até lograr não ouvir uma palavra, até chegar a hora de enxotar o paciente para fora do consultório.

É um trecho de arrepiante dureza.

A brutalidade do anúncio do prognóstico, defeito grave e frequente, foi muito bem abordada por Vergílio

Ferreira, no seu célebre romance “Aparição”.

Fundando-se num caso verídico da década de 1950, o autor narra a consulta do sementeiro que já não tem força para lançar bem longe as sementes e pede remédio ao médico. Este observa-o, diz-lhe que está velho e cheio de reumatismo, que não há nada a fazer, nunca mais poderá semear.

O doente voltou para casa e, de imediato, enforcou-se.

Grandes escritores apresentaram, de vez em quando, figuras reais ou da tradição, não simples personagens ficcionados : são exemplos o Zacuto de Garrett em “O Arco de Santana”, o S. Frei Gil de Santarém de Eça em “Lendas de Santos” e a galeria biográfica de Namora na obra já um pouco esquecida “Deuses e Demónios da Medicina”.

É especialmente interessante a série de médicos referida por Vergílio Ferreira no seu monumental diário “Conta Corrente”.

Lá encontramos Elysio de Moura, dando consulta enquanto corre pelo hospital, o cabelo branco eriçado, a mão a procurar no bolso um comprimido qualquer para acalmar um hipocondríaco...

Nogueira da Costa...”grande médico...ar sério e reservado de quem é familiar da morte...”

António Magalhães...”cuja dedicação ao nosso Lúcio nunca poderei pagar”

Tal como Eça de Queiroz, Vergílio Ferreira gostava de médicos.

Outros escritores detestavam-nos. Recordo o conhecido epigrama de Bocage :

“À porta duma farmácia
pingue boticário estava
e acenou de mansinho
a um doutor que passava
mal se chega o bom galeno
diz-lhe o outro com ar jucundo:
- unamo-nos meu doutor
e dêmos cabo do mundo”

Pobre Bocage, ainda pouco antes de morrer os médicos o rodearam, no Hospital de S. José onde dera entrada por hematemese e, obviamente, sangraram-no. Era o estado da arte em 1800...

Já mencionei um conseguido autor de figuras médicas de ficção, ele próprio médico: Júlio Dinis. Outros médicos-escritores passaram ao largo da medicina na sua ficção literária. São os casos do grande Fialho de

Almeida, de João Lúcio, poeta da beleza do Algarve e do sempre discutido Júlio Dantas.

Só casualmente escreveram a palavra médico, ignorando nas suas produções os temas ligados à prática de medicina.

Também há aqueles que, tendo sido médicos e escritores de sucesso, não deixaram qualquer marca que permita hoje, lendo-os, conotá-los, duma forma ou doutra, com a medicina.

Brito Camacho ainda é recordado como político e há quem saiba que escreveu uma longa obra de ficção, dividida pelo romance, crónicas e poesia. Mas quem se lembra que ele foi igualmente um médico que teve relevante clínica ?

O mesmo se pode dizer de António José de Almeida, vibrante orador do parlamento, autor de discursos célebres, depois presidente da república, o único da primeira fase que conseguiu concluir o mandato e o único dos nossos presidentes a quem o governo francês concedeu a Legião de Honra. Também António José de Almeida era médico mas nunca o deixa entrever nos escritos que nos ficaram.

Enfim, não poderá afirmar-se que a literatura nacional tenha sido das mais seduzidas pelas personagens médicas. É verdade, mas temos, ainda assim, um curioso conjunto de figuras que exemplificam, de forma geralmente realista, diversificados perfis de clínicos.

É importante considerar que a busca que fiz para esta sumária evocação não foi exaustiva. Pretendi dar uma panorâmica quase pictórica, não havia intenção de contabilizar personagens literárias. Assim, terão ficado por referir muitos médicos de ficção saídos das penas de escritores que esqueci.

Por outro lado, seleccionei para desenvolver um pouco além da simples menção, segundo o meu gosto pessoal. Por exemplo, posso declarar que as minhas figuras médicas preferidas são as que Júlio Dinis criou.

Num ensaio um pouco mais profundo e seguramente muito extenso, caberiam outros escritores e ocorrem-me de imediato os nomes de João de Araújo Correia (belos contos os seus), Francisco da Costa e João de Melo.

Posso manter na prateleira das intenções um trabalho que aprofunde o presente texto. Por que não ?

Para já, pretendo concluir com um texto que em tempos fiz e, na sua modéstia me parece oportuno.

Cós¹. Uma pequena e remota ilha grega, próxima

da costa turca.

...Há cerca de dois mil e quinhentos anos...Hipócrates teve aqui consultório e escola de médicos. A fama das suas curas trazia barcos cheios de doentes, povo comum e pessoas poderosas, reis, sacerdotes e generais. Como os tratava o médico pouco importa, interessa que quase todos partiam com reencontrado ânimo e espalhavam a notícia de haver, naquele rincão de terra, um homem sábio e bondoso com remédios para os males mais diversos.

O aspecto mais relevante da herança do grande médico foi a formação de discípulos. De tempos a tempos, ele escolhia um jovem que achava dotado para a profissão e convidava-o a acompanhá-lo. Uma vez certo da vocação e vontade do rapaz, ajuramentava-o para o iniciar nos grandes segredos da praxis.

O compromisso do futuro médico era público e revestia-se de solenidade...

O povo de Cós recria a cerimónia, sem periodicidade certa.

É uma homenagem ao pioneiro e serve também de atracção turística.

Toda a gente vai assistir à procissão de rapazes e raparigas, vestindo simples túnicas brancas e calçando sandálias. Em marcha lenta, acompanham o iniciado cuja fronte, flectida simbolicamente, foi coroada com ramos de oliveira. O cortejo é seguido por músicos que tocam uma arcaica e doce melodia em flautas de cana.

Dirigem-se à planície onde subsistem as ruínas do sanatório hipocrático. Aí, junto de uma pedra de ara, um velho aguarda.

O rapaz ajoelha e recita a fórmula do compromisso: Diz que exercerá a sua arte com competência e dignidade, viverá de forma simples e inocente dedicando-se de igual modo a todos os enfermos...Que nunca atentará contra a vida, nem escandalizará seja quem for...Que só ensinará os que vierem a fazer perante si um juramento idêntico...

Findas as palavras solenes, o professor ajuda o jovem a erguer-se, abraça-o, a multidão aplaude e reconstitui-se o cortejo, desta vez de regresso ao povoado, onde os aguarda um banquete singelo.

O pequeno grupo de turistas assistiu à recriação hipocrática em respeitoso silêncio. Noto lágrimas em algumas faces. Eu próprio me sinto tocado pelas palavras proferidas pelo adolescente que acaba de comprometer-se a viver para o bem do próximo, apesar de saber que se trata de uma encenação teatral !

O colega que faz comigo esta viagem à Grécia vai cabisbaixo e mudo, enquanto seguimos a procissão pelo caminho íngreme de retorno à cidadezinha de Cós. A dado momento, toca-me num braço e pergunta :

– Achas que nós temos cumprido todos aqueles preceitos ? No nosso tempo não fazíamos um juramento em forma mas ensinaram-nos o que o rapaz disse... Tu conheces-me... Parece-te que tenho estado à altura ?

Medito por breves momentos e respondo com firmeza :

– Estou certo que ambos temos feito um bom e honesto trabalho. Creio que Hipócrates não se envergonharia de nós se tivéssemos sido seus discípulos.

– Também me parece – concordou o colega, aliviado.

Ficam estas linhas como ilustração simples do carisma e força anímica que a medicina mantém, explicação primeira do gosto de muitos escritores de introduzirem figuras de médicos nas suas obras e do facto de ainda haver pessoas que apreciam essas personagens, numa época em que cada vez se lê menos. ■

Bibliografia

1. Excertos de crónica da Rev. Miriam de Novembro de 2000, com ligeiras alterações